

Copyright © 2019 by Hamilton Matos Cardoso Júnior, Thiago Costa (orgs.)

**Editora Kelps**

Rua 19 n° 100 — St. Marechal Rondon- CEP 74.560-460 — Goiânia — GO

Fone: (62) 3211-1616 - Fax: (62) 3211-1075

E-mail: kelps@kelps.com.br / homepage: www.kelps.com.br

**Diagramação:** Marcos Dignes

diguesdiagramacao.com.br

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte

**DARTONY DIOCEN T. SANTOS - CRB-I (1ª Região) 31294**

JUN

Cardoso, Hamilton Matos Cardoso.

Ciência na fronteira: ensino, pesquisa e extensão no IFMT  
- *Campus Fontes e Lacerda*. - Hamilton Matos Cardoso Júnior,  
Thiago Costa (orgs). - Goiânia / Kelps, 2019  
326 p.: il.

ISBN:978-85-400-2880-7

1. Ensino. 2. Pesquisa - extensao. 3. Artigo. I. Título.

CDU: 378(045)

Índice para catálogo sistemático:

CDU: 378(045)

### **DIREITOS RESERVADOS**

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei n° 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

2019



## OSWALD DE ANDRADE: A ESCRAVIDÃO EM PRETO E BRANCO

Gislei Martins de Souza Oliveira<sup>1</sup>

### Introdução

A proposta consiste no estudo dos poemas que trazem a temática da escravidão presentes na seção “Poemas da Colonização”, do livro *Pau-Brasil* (1925) escrito por Oswald de Andrade. Observa-se em que medida Oswald de Andrade articula, de forma poética, o processo histórico referente às mazelas da escravidão no Brasil. A poesia oswaldiana radicaliza o efeito de estranhamento quando projeta a violência oriunda das relações de poder à época da escravatura. Baseia-se, de um lado, na crítica literária (Santiago, 2002; Oliveira, 2002; Candido, 2000; Moraes, 1988) produzida sobre o Modernismo no Brasil na tentativa de mostrar como a pesquisa lírica deste movimento estético-literário exprime uma atitude de resgate da tradição. De outro, tem como suporte teórico autores (Bosi, 1992; Ribeiro, 1995; Todorov, 2003) que tratam dos resultados do processo de colonização, como também do desenvolvimento econômico do Brasil com a voga do ideário progressista. Sendo assim, torna-se possível pensar na forma poética com que Oswald de Andrade delineou uma etapa da história brasileira silenciada pelo discurso oficial.

<sup>1</sup> Doutora em Letras (UNESP/Assis) e docente do IFMT (Campus “Fronteira Oeste”). E-mail: gislei.souza@plc.ifmt.edu.br

## Cenas da escravidão

*Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino*

(Oswald de Andrade, *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*).

A passagem extraída do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” (1924), que se constitui como epígrafe deste trabalho, sugere-nos em que medida Oswald de Andrade concebe a figura do negro como propulsora dos mecanismos de produção econômica no Brasil. Mesmo o mundo ocidental se chafurdando nas ideias liberais, o Brasil ainda mantinha resquícios de uma economia baseada na exploração do trabalho escravo. A modernidade oriunda dos grandes empreendimentos locomotivos não trouxe consigo, até então, o trabalho livre para o país. Dessa maneira, Oswald de Andrade mostra que a economia brasileira correu o risco de naufragar caso não houvesse a mão-de-obra escrava para sustentar as insígnias do progresso no país até o final do século XIX.

A ideologia liberal, de cunho retórico em nosso país, conforme argumenta Roberto Schwarz (1992), coexistiu com o escravismo, o qual mantinha a economia latifundiária de exportação. O autor apresenta o emprego “fora de lugar” das ideias europeias na realidade brasileira que, segundo ele, “envolvia as relações de produção e parasitismo no país, a nossa dependência econômica e seu par, a hegemonia intelectual da Europa, revolucionada pelo Capital” (1992, p. 24). Modernidade e escravidão constituíam as duas faces de uma mesma moeda para a construção da unidade nacional.

Ao situar a condição do escravagismo no Brasil, percebemos em que medida a escrita poética da história, feita por Oswald de Andrade em *Pau-Brasil*, torna-se significativa para entendermos as atrocidades cometidas contra um povo para a manutenção das relações de poder em nosso país. Oswald de Andrade traz à luz a violência silenciada pelo discurso oficial quando delinea um quadro da vida cotidiana do negro à época da escravidão. A seção intitulada “Poemas da colonização”

consiste em uma das nove partes que formam o livro *Pau-Brasil*: “História do Brasil”, “Poemas da colonização”, “São Martinho”, “RPI”, “Carnaval”, “Secretário dos amantes”, “Postes da Light”, “Roteiro das Minas” e “Loyde brasileiro”. A referida seção é composta por quinze poemas, dos quais apenas dois não tratam da condição do negro no período da colonização. Faremos o estudo somente dos poemas que lançam um olhar poético sobre as relações estabelecidas entre os negros e a oligarquia brasileira. Iniciamos com o poema “A TRANSAÇÃO”, que desde o título encena a relação mercadológica estabelecida pelo comércio de carne humana no Brasil:

O fazendeiro criara filhos  
 Escravos escravas  
 Nos terreiros de pitangas e jaboticabas  
 Mas um dia trocou  
 O ouro da carne preta e musculosa  
 As gabiobas e os coqueiros  
 Os monjolos e os bois  
 Por terras imaginárias  
 Onde nasceria a lavoura verde do café  
 (ANDRADE, 1991, p. 85).

Temos um poema cujo efeito narrativo situa-nos diante da fazenda matizada por elementos da natureza (“pitangas”, “jaboticabas”, “gabiobas”, “coqueiros”) e, ainda, por mecanismos arcaicos de produção capitalista (“carne preta e musculosa”, “monjolos”, “bois”). Aqui apenas três verbos compõem o poema “criara”, “trocou” e “nasceria”, os quais dão a ideia do movimento temporal entre um passado anterior a outro (pretérito mais-que-perfeito), um passado pronto e acabado (pretérito perfeito) e um fato que pode ocorrer posterior a um fato passado (futuro do pretérito). A passagem temporal mostra a transformação de um formato econômico tradicional para outro, digamos “mais moderno”, que tem como divisor de águas na estrutura do próprio poema a metáfora do “ouro da carne preta e musculosa”. A escravidão é vista como

uma etapa da história que marca a transição para uma forma de produção baseada no trabalho livre. O mesmo ouro que enriqueceu muitos proprietários de terras foi excluído do sistema capitalista pela exigência de uma mão-de-obra que possibilite o branqueamento do país por meio do processo imigratório. O efeito sinestésico projetado pela imagem da lavoura de café associa-se ao imaginário de progresso trazido pela aliteração do “s”, como se o vento que passa entre os coqueiros e os monjolos levasse-nos a um lugar utópico.

Já na interpretação deste poema percebemos como Oswald de Andrade consegue fazer a síntese entre poesia e prosa. Segundo a assertiva deste escritor no “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, a poesia deve existir nos fatos, o que explica a necessidade de fazer uma reescrita do passado em *Pau-Brasil*. Nas palavras de Antonio Candido (2000, p. 124), o Modernismo pode ser considerado a tendência mais autêntica da arte e do pensamento brasileiro:

Nele, e sobretudo na culminância em que todos os seus frutos amadureceram (1930-1940), fundiram-se a libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação política e reforma social; o ardor de conhecer o país.

Ao propor libertar-se das amarras que prendiam a literatura à escrita acadêmica, o Modernismo, no argumento de Candido, conseguiu alcançar uma expressão livre e autêntica de um país repleto de contrastes, principalmente na poesia. O crítico ainda assegura que este movimento estético exorcizou os recalques históricos, étnicos e sociais quando pôs em destaque os elementos populares negados pelo academismo. Candido afirma que assim o mulato e o negro foram incorporados como temas de estudo e adquiriram estado de literatura. Em “Poemas da Colonização”, Oswald de Andrade apresenta o seu compromisso com a tradição na medida em que projeta o universo atroz em que viviam os negros nas senzalas das grandes propriedades de terras:

## FAZENDA ANTIGA

O Narciso marceneiro  
Que sabia fazer moinhos e mesas  
E mais o Casimiro da cozinha  
Que aprendera no Rio  
E o Ambrósio que atacou Seu Juca de faca  
E suicidou-se  
As dezenove pretinhas grávidas

Dar um nome próprio a cada escravo indica-nos em que medida as relações estabelecidas entre os escravos e os grandes proprietários de terras foram apaziguadas por meio de uma suposta aceção cordial. A falta de encadeamento lógico do poema, na definição da atividade exercida por cada escravo, contrasta com a atitude da personagem Ambrósio que, provavelmente, ataca Seu Juca (fazendeiro) por se indignar frente ao abuso sexual das mulheres negras. A forma encontrada para lavar sua honra está no suicídio, o qual resta isolado no penúltimo verso do poema, sugerindo uma ação pronta e acabada. A fragmentação das ideias pode ser vista como uma maneira encontrada por Oswald de Andrade de encenar os comentários surgidos na época do acontecimento. O burburinho de conversas sem uma sequência lógica tem como sentença derradeira a comprovação factual da gravidez de cada uma das dezenove escravas abusadas sexualmente na “fazenda antiga”. Esta, por sua vez, não parece ser tão antiga assim quando observamos a temática trazida pelos demais poemas. Neles, como veremos, a violência física torna-se um ato realizado para a imposição da ordem.

O processo de assujeitamento pelo qual os escravos tiveram que passar no Brasil tem sua ressonância longínqua na conquista da América que, de acordo com Tzvetan Todorov (2003), funda nossa identidade hodierna. O interesse de Colombo não se restringia à conquista do ouro, mas principalmente à sedução de um público passível de ser evangelizado. Desde aqui presenciemos a forte necessidade de aniquilar o Outro para fazê-lo assimilar o regime cultural do colonizador. Ao tratar

do processo de colonização da América, Todorov afirma que houve um verdadeiro massacre dos povos nativos segundo o argumento de que era necessário civilizá-los. E mais, Todorov (2003, p. 257) acrescenta que “A eficácia do colonialismo é superior à do escravismo, ou pelo menos é isto que podemos constatar atualmente”. Tais processos não foram nada pacíficos no Brasil, como pode ser notado no poema “NEGRO FUGIDO” em que o poeta utiliza-se de muita objetividade e frieza nas descrições para construir a imagem da submissão pela violência:

O Jerônimo estava numa outra fazenda  
 Socando pilão na cozinha  
 Entraram  
 Grudaram nele  
 O pilão tombou  
 Ele tropeçou  
 E caiu  
 Montaram nele

Vemos que a situação cotidiana de socar pilão é suplantada pela violência exercida no resgate do escravo fugitivo. A estrutura assindética do poema aumenta a tensão presente na cena e enfatiza ainda mais a violência gradativa (“entraram”; “grudaram”, “montaram”) com que o resgate está sendo feito. O modo como os restituidores de escravos irrompem na cozinha da fazenda realça a barbárie praticada por eles com a aproximação do verbo “entrar” ao “grudar”. O pilão tomba de lado, junto com o negro que recebe uma configuração animalizada pelo emprego do verbo “montar”. Quanto a isso, trazemos a consideração de Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985) segundo a qual Homero não descreve a cena de violência referente ao enforcamento das servas, que mantiveram relação com os pretendentes de Penélope, pois isto constituiria um vestígio de barbárie. Dessa forma, o relato homérico estaria em um estágio avançado da civilização na medida em que consegue vencer o mundo mítico ao silenciar a cena cruel de violência. Nesse sentido, quando Oswald de Andrade enfatiza a forma brutal com que o

negro é preso sugere-nos como o escravagismo no Brasil constituiu-se como um sintoma de barbárie.

De acordo com Eduardo Jardim Moraes (1988), a estética proposta pelos modernistas reconhece a necessidade de adaptar a representação à nova realidade com base nas tradições nacionais. No Movimento Modernista a questão da brasilidade surge como uma forma de fazer com que o país tivesse seu lugar reconhecido no cenário internacional:

Sendo assim, a constituição do ideário nacionalista dentro do modernismo do segundo tempo se apresenta como uma proposta que se fundamenta no reconhecimento da legislação da ordem mundial e na consideração do lugar do Brasil em sua pretensão de ser um de seus participantes (MORAES, 1988, p. 230).

Tal postura conclama o país a ter uma produção cultural própria que iria viabilizar a chamada “exportação de poesia”, abordada por Oswald de Andrade no “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. A estudiosa Vera Lúcia de Oliveira (2002, p. 72) também argumenta que o nacionalismo do grupo oswaldiano pretendia denunciar os aspectos contraditórios da sociedade brasileira. Daí a necessidade, segundo a autora, de a literatura de Oswald de Andrade fazer um retorno às fontes da nossa história “detendo-se nos momentos de crise, de mudança de mentalidade e de adoção de novos modelos culturais” (2002, p. 106). Avançamos, portanto, no estudo da seção “Poemas da Colonização” sabendo que Oswald de Andrade lança um olhar incisivo diante da verdadeira hecatombe ocasionada pela escravidão no Brasil. O poema “CASO”, por exemplo, verticaliza uma perspectiva fantástica da situação agônica vivida por uma mulatinha:

A mulatinha morreu  
E apareceu  
Berrando no moinho  
Socando pilão

O sujeito-lírico projeta a situação corriqueira da morte de uma escrava ao lado do aparecimento fantasmático dela no moinho. O uso do diminutivo em “mulatinha” impõe a condição de inferioridade da personagem que, mesmo após a morte, mantém a alma como que acorrentada à tarefa alienante de “socar pilão”. A tradição da oralidade aparece aqui como elemento de valorização da cultura popular presente no Brasil. Para Walter Benjamin (1994), a narrativa vem perdendo sua força devido à falta de experiências, que tragam em si um ensinamento a ser transmitido. Com isso, podemos perceber que o poema “Caso”, cujo nome é bastante sugestivo, encena a prática da narrativa oral que traz consigo o saber referente à ausência, no período da escravidão, até mesmo do desejo de liberdade trazido pela morte. O trabalho repetitivo da mulatinha ressoa nos berros emitidos por ela e que atravessarão a história do Brasil para revelar em que medida a estrutura da nossa sociedade foi, e ainda está sendo, construída pela exploração da mão-de-obra escrava.

Notamos a diversidade de recursos e materiais trabalhados por Oswald de Andrade na construção dos poemas que compõem *Pau-Brasil*. Conforme argumenta Oliveira (2002), Oswald de Andrade, especificamente na seção “Poemas da Colonização”, não faz somente uma retomada da tradição literária. Segundo a autora, o poeta amplia sua pesquisa histórico-geográfica a toda a sociedade colonial, o que lhe permite revelar o discurso “daquele sistema econômico e social, baseado no latifúndio escravista e patriarcal, aparentemente respeitoso aos princípios humanísticos do catolicismo, mas que, de fato, mantinha sua força por meio da repressão e da submissão de faixas inteiras da população” (2002, p. 133). Para tanto, o poeta emprega recursos poéticos diversificados, como podemos ver nos poemas a seguir, os quais apresentam o formato de uma moldura oral:

#### O MEDROSO

A assombração apagou a candeia  
 Depois no escuro veio com a mão  
 Pertinho dele  
 Ver se o coração ainda batia

mento de que Oswald de Andrade ao trazer a cultura popular dos escravos para dentro de sua obra poética expõe como ela esteve permeada por conflitos e contradições de toda sorte e que, para manter sua autenticidade, se serviu da tradição oral. A segregação cultural brasileira permite ao poeta perceber a coexistência de diversas culturas e mostrar a formação heterogênea do nosso país.

Isso explica o grande interesse que Oswald de Andrade tinha pela viagem, já que, no argumento de Renato Ortiz (1996), o viajante funciona como um intermediário para fazer com que culturas distintas estabeleçam entre si uma comunicação. Quanto a isso, Candido (1995b) assevera que, para Oswald de Andrade, viajar era uma forma de conhecer as facetas plurais do Brasil, as quais sempre foram transfiguradas pela distância. Sendo assim, a viagem consiste na forma encontrada pelo poeta de “não apenas buscar coisas novas, mas purgar as lacunas da sua terra” (CANDIDO, 1995b, p. 62). Sendo assim, a viagem torna-se a maneira de Oswald de Andrade conseguir preencher o vazio histórico deixado pelo discurso oficial com relação à escravidão no Brasil. A poesia, nesse caso, constitui uma das formas literárias propícia para Oswald de Andrade radicalizar as temáticas formuladas pela estética em voga à época. Seguindo o pensamento de Haroldo de Campos (1991), o radicalismo de Oswald de Andrade estabeleceu uma ruptura que possibilitou a construção de um novo fazer poético com a adesão do verso livre. O trabalho com a língua coloquial também se apresenta como um dos recursos acionados pelo poeta na configuração estética de “Poemas da Colonização”:

#### O GRAMÁTICO

Os negros discutiam  
 Que o cavalo sipantou  
 Mas o que mais sabia  
 Disse que era  
 Sipantarrou

## O CAPOEIRA

- Qué apanhá sordado?

- O quê?

- Qué apanhá?

Pernas e cabeças na calçada

No primeiro poema, observamos que há uma discussão em torno da pronúncia de certa expressão de uso cotidiano, que sugere a indeterminação linguística presente no Brasil à época da escravidão. A nacionalidade só poderia ser construída com base em uma unidade linguística que parecia estar longe de se concretizar, conforme encenado no poema, diante das variadas línguas que coexistiam em nosso país naquele momento histórico. Verificamos ainda que o poema configura certa formação hierárquica entre os escravos pela referência feita ao que “sabia mais”. Em “O CAPOEIRA” encontramos a língua coloquial projetada na forma de diálogo entre o soldado e o escravo. Ao lado do emprego não-padrão da língua, que constitui o tópico fulcral do poema, percebemos uma escrita bastante sintética que encena a luta entre o escravo e o soldado em apenas um *take*. O cômico do coloquialismo linguístico se junta à cena trágica do escravo, cuja audácia frente à autoridade repressora resulta na metonímia “Pernas e cabeças na calçada”. Por este efeito metonímico ficamos sabendo apenas que houve a peleja, mas nada somos informados das consequências dela. Ao final do poema, resta-nos somente o vazio da linguagem.

Segundo o argumento de Darcy Ribeiro (1995a, p. 23), a ideia de povo-nação no Brasil surge como resultado da concentração da força de trabalho escrava “recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável”. O autor ainda ressalta o fato de que as elites oligárquicas não abriram mão de usar a violência para a empreitada da formação histórica brasileira. Os negros aliciados para o trabalho escravo funcionaram, de acordo com Ribeiro (1995b), como difusores da língua do colonizador. Aqueles que já possuíam o aprendizado da língua portuguesa tinham o

papel de ensinar aos escravos recém-chegados não apenas as técnicas de trabalho, como também os valores culturais da sociedade a que eram incorporados. Isso pode ser visto nos poemas citados acima nos quais a identidade linguística dos escravos passa pelo processo de assimilação de elementos da língua portuguesa. Vemos que a projeção de expressões cotidianas coloquiais é muito forte na maioria dos poemas, o que mostra como Oswald de Andrade destaca a importância do patrimônio cultural africano para a caracterização heterogênea da língua portuguesa no Brasil.

Por conseguinte, utilizando-nos das palavras de Oliveira (2011), os modernistas desconstruíram as ideologias que deram certo formato para a identidade brasileira até o século XX. Formato este que resultou na perda da identidade original indígena, como também legou a segundo plano outros grupos que contribuíram para a formação da nossa sociedade, como o negro. A autora ainda enfoca que, antes do Modernismo, a identificação com o negro ocorreu com pouca frequência em nossa literatura. Contudo, Oliveira registra que a presença de africanos no Brasil remonta aos anos de 1530, sendo inviável “conceber a história brasileira sem esse componente fundamental, que permeou todos os setores da vida nacional, da língua à comida, da música à literatura, dos mitos à religiosidade, do modo de pensar ao modo de viver e de morrer de todo brasileiro” (OLIVEIRA, 2001, p. 103-104). Em resposta a este silenciamento das contradições advindas da presença da cultura africana no Brasil, Oswald de Andrade encaminha uma leitura crítica sobre a escravidão na série “Poemas da Colonização”. Sem receio, portanto, o poeta configura os abusos praticados pelas oligarquias brasileiras em relação aos negros:

#### CENA

O canivete voou

E o negro comprado na cadeia

Estatelou de costas

E bateu coa cabeça na pedra

Depreendemos a indiferença em relação às situações vividas pelos negros, pois o uso da personificação em "O canivete voou" denota que houve a omissão do sujeito que executou a ação, levando-nos a compreender que a referida "cena" não foi posta em ata como um homicídio. Apagada da história, tal imagem foi reconstruída no poema na tentativa de reforçar como a violência exercida contra os escravos era insignificante perante a lei. Uma violência exercida ao bel-prazer para que o país conseguisse manter a economia latifundiária de exportação. Ora, essa consideração faz-nos retomar a proposta feita por Alfredo Bosi (1992) de refletir sobre a articulação da ideologia liberal com a prática escravista, levando-se em conta os modos de pensar da classe política brasileira no período que segue à consolidação do novo Império, após a Proclamação da Independência. Sendo assim, o autor observa que a construção do Estado-nação foi baseada em princípios jurídico-políticos, que garantiam a propriedade fundiária e escrava. No Brasil, o liberalismo econômico não condisse com a voga do trabalho livre como ocorreu na Europa. Bosi (1992, p. 202) argumenta que os grandes proprietários de terras detinham o poder de manipular as leis em nosso país, naquele momento histórico:

Nem houve propriamente ficções jurídicas, à européia, ocultando o latifúndio, o tráfico, a escravidão. Houve, sim, um uso bastante eficaz das instituições parlamentares pelos senhores de engenho e das fazendas. As Câmaras serviam de instrumento à classe dominante que, sem os canais jurídicos estabelecidos, não controlariam a administração de um tão vasto país. "Máquina admirável", assim chamou o nosso regime parlamentar e monárquico um paladino da reação conservadora.

O monopólio das leis pela classe dominante não só impôs um projeto econômico obsoleto para o Brasil, porque baseado na exploração do trabalho escravo, como também correspondeu ao exercício de práticas punitivas realizadas contra os negros, na maioria das vezes, por mera causalidade. Não havia muitas opções para escapar das formas desuma-

nas de castigo. O que restava aos negros eram as fugas ou, caso contrário, o próprio suicídio. A fuga foi a alternativa de resistência encontrada pela escrava do poema oswaldiano “MEDO DA SENHORA”:

A escrava pegou a filhinha nascida  
 Nas costas  
 E se atirou no Paraíba  
 Para que a criança não fosse judiada

Apesar de atroz, a imagem construída pelo poema é bastante interessante, pois configura o movimento de fuga efetuado pela escrava no momento em que paira sozinha a expressão referente ao modo como a fugitiva carrega a filhinha. A presença do diminutivo na referência à filha da escrava fugitiva torna a cena ainda mais chocante quando pensamos a que situações os escravos se submeteram para escapar da brutalidade desregrada dos latifundiários. Cenas como esta fazem-nos pensar conforme Oliveira, para quem as práticas escravagistas fizeram com que os africanos dissolvessem os vínculos com o mundo, sendo necessária “muita força e obstinação para reconstruir no Brasil outros laços e estabelecer novas relações com o universo físico e metafísico” (2011, p. 119). Impossível mesmo ter uma perspectiva do mundo que não seja o da crueldade com que a Senhora da casa-grande trata até mesmo as crianças negras. Será que a menininha do poema poderia ser filha de algum latifundiário? Não sabemos, já que não há explicação no poema para o castigo ou mesmo porque este por si só era (ou ainda é?) feito sem nenhuma justificativa plausível. Se nem mesmo as crianças negras recém-nascidas eram perdoadas, não fica difícil imaginar o que acontecia com os adultos. Imaginação que levou Oswald de Andrade a produzir o poema “AZORRAGUE”:

- Chega! Peredoa!  
 Amarrados na escada  
 A chibata preparava os cortes  
 Para a salmoura

Oswald de Andrade dá voz ao escravo para que ele por si mesmo consiga expressar a sua dor e angústia as quais são realçadas pelo modo coloquial com que o pedido de remissão foi realizado. Neste poema, o recurso à inversão sintática, presente nos segundo e terceiro versos, faz com que o efeito metonímico (“cortes”) reduza os escravos às marcas corporais que ficariam gravadas *ad infinitum* na memória. Metonímia que transforma o agressor na ferramenta utilizada para o exercício da violência. Com isso, podemos dizer que também os donos de terra são vistos no poema como objetos funcionais para a manutenção dos mecanismos arcaicos de produção capitalista desenvolvidos no Brasil, e que não podem ser esquecidos no porão das senzalas de nossa história.

Outro poeta modernista, mencionado por Oliveira (2011), que exprime as vivências dos negros à época da escravidão é Raul Boop. Para a autora, este poeta tenta fazer com que a intimidade dos negros nas senzalas seja exposta aos olhos do leitor, trazendo à tona “uma parte da história muitas vezes minimizada ou mesmo omitida pela sociedade, a qual sempre se auto-justificou, elaborando de si uma imagem positiva” (OLIVEIRA, 2011, p. 112). Trata-se de pensarmos que a construção do ideário do Estado autônomo e liberal fez da barbárie a forma eficaz de elevar o Brasil no patamar das grandes nações modernas:

O povo brasileiro pagou, historicamente, um preço terrivelmente alto em lutas das mais cruentas de que se tem registro na história, sem conseguir sair, através delas, da situação de dependência e opressão em que vive e peleja. Nessas lutas, índios foram dizimados e negros foram chacinados aos milhões, sempre vencidos e integrados nos plantéis de escravos (RIBEIRO, 1995a, p. 25).

Ribeiro (1995a, p. 20) ainda alega que o elemento que singulariza a identidade brasileira, em relação aos portugueses, diz respeito às matrizes culturais herdadas dos povos indígenas e africanos e “da proporção particular em que elas se congregam no Brasil, das condições ambientais que enfrentaram aqui e, ainda, da natureza dos objetivos de